

Jornalismo e a Promoção da Violência e da Abjeção contra Travestis¹

João Carlos Laia de FREITAS²

Carlos Alberto de CARVALHO³

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Este trabalho pretende analisar duas reportagens, originalmente veiculadas nos programas Balanço Geral-MG e Cidade Alerta-RJ, da Rede Record, sobre casos de travestis acusadas de furto e extorsão. Disponibilizadas no site oficial da emissora, as reportagens foram analisadas sob o intuito de evidenciar violências simbólicas cometidas contra travestis, evocando literaturas diversas sobre o proposto tema.

Palavras-chave: Travesti; abjeção; jornalismo; violência;

Sobre as travestis e alguns desafios enfrentados

“*Papi*, eu sou bonita”, diz a travesti quando o repórter questiona pela quarta vez sobre o homem que a acusa de roubo. Não se apresenta nome, localidade e, nem mesmo, data, dando ao telespectador apenas as informações de que há uma travesti, um acusador e uma reportagem. Em outro caso, o âncora faz a chamada em tom de alvoroço, dizendo: “Do motel para a delegacia! O pau quebrou! Barraco!” e conclui a matéria atacando Milena, a travesti acusada na reportagem.

Foram citadas reportagens de dois telejornais da emissora Record: Balanço Geral-MG e Cidade Alerta-RJ. Nessas reportagens, a violência está presente em todos os momentos, desde a negação do tratamento adequado até as piadas de cunho extremamente transfóbico, simplificando as travestis à sinônimo de violência e prostituição, assim como se identifica muitas vezes nos espaços sociais e da comunicação (BENEDETTI, 2005; CARVALHO, LAGE, SEREJO, 2018). A proposta deste trabalho é destrinchar a atuação

¹ Trabalho apresentado na IJ01 –Jornalismo do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 2 a 7 de setembro de 2019

² Graduando do curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) - UFMG. Email: joaocarloslaiafreitas@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social – Fafich

violenta do jornalismo nos relatos noticiosos, analisando as nuances apresentadas nas interações com as personagens no ambiente das delegacias.

Para se desenvolver o objetivo, é preciso determinar posicionamentos sobre alguns conceitos que envolvem o tema. Primeiramente, considera-se a necessidade de colocar em questão o uso da violência como práticas de ou que reforcem a *transfobia*. Segundo Carvalho, Lage e Serejo (2018), amparados por Benedetti (2005), o termo abrangeria as especificidades que envolvem a luta e os desafios da população transgênero, que não necessariamente pertencem à uma mesma “categoria identitária” que os homossexuais. Portanto, conforme Jesus (2012, p. 7), “tem sido utilizado o termo ‘transfobia’ para se referir a preconceitos e discriminações sofridos pelas pessoas transgênero, de forma geral”.

Falar em transfobia é legitimar a luta da população transgênero, reconhecendo a existência de uma população constantemente marginalizada que luta por seus próprios direitos como corpos com vida. Entretanto, não é ideal descartar as produções que discutem homofobia como um termo que engloba também a população transgênero. Borillo (2010) sinaliza, por exemplo, a homofobia como guardiã das fronteiras sexuais e de gênero, realizando papel fundamental na manutenção da heteronormatividade como reguladora de uma ordem social, fazendo com que os ataques violentos e de repressão sejam destinados não só a homossexuais, e sim a qualquer indivíduo que desafie as concepções binárias de masculino e feminino (CARVALHO, LAGE, SEREJO, 2018).

Quanto ao uso do termo *travesti*, não será trazida nenhuma definição baseada em estudos etnográficos. A decisão se baseia na disposição das definições apresentadas por Benedetti (2005), Jesus (2012) e Jaime (2001), que conceituam de maneiras bastante distintas: ao conceituar o termo *travesti*, Benedetti sinaliza que conceitua de acordo com a lógica do grupo estudado por ele, indicando as possíveis variações que contrastam, por exemplo, com a definição de Jesus, que sugere travesti como sendo um “terceiro gênero” ou um “não gênero”. Abarca-se, então, na definição de *transsexualidade*, trabalhada por Bento como

dimensão identitária localizada no gênero, e se caracteriza pelos conflitos potenciais com as normas de gênero à medida que as pessoas que a vivem reivindicam o reconhecimento social e legal do gênero diferente ao informado pelo sexo, independente da cirurgia de transgenitalização (2008 p. 144-145).

Tendo em vista os conflitos potenciais com as normas de gênero, considera-se travestis como corpos políticos vivos e com vida (BUTLER, 2015) que “cruzam e deslocam as fronteiras do gênero” (BENEDETTI, 2005, p. 17) como um lugar de autoafirmação e reconhecimento como sujeito.

Infelizmente, é quase impossível falar de corpos que desafiam fronteiras normativas sem falar sobre as violências que os afetam. As travestis vivem um cenário de constante abjeção, que é “a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são ‘sujeitos’, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito” (BUTLER 2000, p.111). Carvalho, Lage e Serejo reforçam que “nesta região concentram-se aqueles cujo status de sujeito são denegados, mas que para manutenção do status quo, a ambiência normalizante é fundamental, pois demarca o habitat do sujeito dotado de privilégios. É a dicotomia nós/eles.” (2018, p.193).

A abjeção propicia desafios cruéis para a população transgênero em geral, principalmente para as travestis que, por serem responsáveis por sua própria construção de corpo e gênero (BENEDETTI, 2005), elas se encontram fora da “correspondência fundante” de corpos masculinos e femininos, reforçando ainda mais a abjeção dos corpos como fora da categoria do humano (BENTO, 2003). Os efeitos são refletidos em diversas camadas.

Recorrentemente, começando a citar a participação do jornalismo, o próprio uso adequado das normas gramaticais, isto é, travestis como pertencentes ao gênero feminino, é negado e ignorado. Esta situação se encontra recorrentemente nas reportagens citadas no início deste artigo. Para além de um sentido êmico, o tratamento a travestis como pertencentes ao gênero feminino constitui uma das primeiras reivindicações do grupo (BENEDETTI, 2005), sendo ela muito importante para superar as barreiras impostas pela abjeção dos corpos.

Este caráter, dentre outros, se enquadra no conceito de violência simbólica, que é constantemente evocado nas discussões sobre violência envolvendo a população trans. Trabalhada inicialmente por Bordieau como uma violência

suave, insensível, invisível para suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento (2003, p. 7)

Somada à situação de abjeção, a violência simbólica é bastante banalizada quando a vítima se trata de uma travesti, principalmente por se tratar de um corpo que, constantemente, como já foi citado, é comparado somente às situações de violência e prostituição, ao mesmo passo que estes se tornam os únicos espaços possíveis para a vivência e a sobrevivência de uma travesti. O potencial de um discurso que não reconhece a vida de um corpo é avassalador e mantém, muitas vezes, a violência, tanto simbólica como física, como a única maneira de se lidar com os impasses encontrados na vida de uma travesti (BENEDETTI, 2005).

Frente aos diversos desafios enfrentados, muitos são os sujeitos que atentam contra a existência das travestis. O jornalismo não necessariamente está fora dessa lógica de violência, muitas vezes se posicionando de maneira que corrobora com a opressão direcionada a esse público.

Considerações sobre o jornalismo

Balanço Geral e *Cidade Alerta* são dois programas da TV Record, uma das emissoras de transmissão aberta no Brasil. Ambos os programas possuem temática regionalizada, funcionando, em sua maioria, como noticiário local. Grande parte das notícias veiculadas possuem forte relação com o noticiário policial, dramatizando a temática ao invés de buscar esclarecimentos sobre as narrativas apresentadas (CARVALHO e BRUCK, 2012).

Carvalho e Bruck (2012) descrevem alguns pontos importantes para serem considerados na discussão do papel do jornalismo. Primeiramente, ao passo que o jornalista evidencia um ocorrido, ele silencia outro, realizando recortes e angulações que interessam a uns e não a outros. O interesse está fortemente ligado à natureza do jornal onde a produção está sendo veiculada, pois o jornalista não conta com todo o processo de produção e veiculação de uma notícia: ele conta com uma cadeia de interferências, desde a gravação das imagens pelo cinegrafista até a editoração por parte da equipe de reportagem. No caso

dos programas citados aqui, há interferência, também, do apresentador, responsável por grande parte da subjetividade envolvida na veiculação da reportagem (SAMUEL e COSTA, 2018).

Diante suas composições, os programas citados, assim como identificado por Stoffels em um trabalho sobre o papel do jornalismo na divulgação de identidades não hegemônicas, podem ter um papel determinante, pois, estando numa lógica de produto jornalístico, “sua vinculação com o real influencia na compreensão de realidade da sua audiência” (2014, p.5). O autor aponta para duas possibilidades em relação à visibilidade de identidades não hegemônicas⁴: a possibilidade de mudança positiva em como a audiência vê determinada identidade ou a possibilidade de corroborar com o cenário de opressão já estabelecido. Em conformidade com Carvalho e Bruck e com as reportagens selecionadas, há uma contribuição para

cristalizar culturalmente situações graves de preconceitos e mesmo de aceitação da violência como fenômeno constituinte do cotidiano (...) E a mídia se ‘tribunaliza’, constituindo-se não apenas em fórum especular e de reflexão social, mas lugar de julgamentos, condenações e sentenciamentos (2012, p. 173)

De maneira geral, o jornalismo age de maneira muito infeliz, onde o recorte realizado pela reportagem busca a todo custo manter as travestis em um espaço abjeto e de violência. Aparentemente, não há respeito à preservação da identidade e da ampla defesa, onde todo gesto realizado pelas travestis vira alvo de ironização e/ou chacota. Apesar disso, a posição que as travestis tomam nas reportagens não deixam que apenas a violência tenha lugar, pois elas desafiam a lógica das reportagens ao se contrapositionar diante de questionamentos incisivos por parte dos repórteres.

Reportagem Cidade Alerta-RJ

A reportagem transmitida pelo Cidade Alerta-RJ se trata de uma travesti sendo acusada de roubo por um homem. Na reportagem, não há nenhuma indicação de lugar e data do ocorrido. Muito menos uso de identidade: de todas as partes, apenas o cinegrafista é nomeado na legenda, nem o repórter que realiza passagem ao final da matéria é nomeado.

⁴ No caso, ele cita, especificamente, a população trans.

E, ainda sobre uso de identidade, apenas a travesti e o repórter são expostos, enquanto a identidade do acusador é completamente preservada.

Na chamada para a matéria, o apresentador do programa diz:

“Barraco na delegacia envolvendo travesti. Você vai ver a reportagem, porque esse travesti, que é esse pessoal que fica na rua tentando cliente e tudo mais... sempre aparece um escândalo desse no Rio de Janeiro. Mas esse barraco que eu vou te mostrar é um travesti acusado de roubo.”

A matéria é marcada pela insistência do repórter em exigir explicações por parte da travesti, que evita ao máximo responder os questionamentos. A travesti mantém uma posição uniforme por toda reportagem, exaltando seu corpo e sua aparência sempre que pode, exibindo seus adereços de *grife* e sua realidade de *glamour*. Em nenhum momento ela responde de forma objetiva os questionamentos do repórter.

O repórter faz bastante uso de artigos do gênero masculino para se referir à ela e, também, realiza perguntas que remetem à realidade da prostituição como, por exemplo, se a travesti realizou algum *programa* com o acusador, qual é o valor que ela cobra para tal e se ela é usuária de drogas.

O acusador sustenta uma posição extremamente agressiva, clamando pela empatia do repórter para que possa compreendê-lo e acusando a travesti o tempo todo de tê-lo atacado. Sua identidade é preservada pelo cinegrafista, que mantém a câmera apontada no chão sempre que é o momento de fala do acusador. É importante destacar que o cinegrafista mantém a maior parte da atenção à travesti, realizando movimentos de câmera que exibem o corpo e os adereços dela.

Segue transcrição de alguns diálogos da reportagem:

Repórter: qual foi a situação? Você saiu com ele foi?

Travesti: *papi*, pergunta pra ele.

Repórter: você saiu com ele?

Travesti: (ignora)

Repórter: você saiu com ele foi? (insiste)

Travesti: (sorri para a câmera)

(...)

Acusador: ele quer me roubar! (em tom agressivo)

Repórter: quem?

Acusador: ele! (se referindo à travesti)

(...)

Repórter: você conheceu ele (a travesti) onde?
Acusador: você para carro onde eu paro, na avenida (sugerindo que o repórter compreende ele).
Repórter: eu? Negativo!
(...)
Repórter: e você saiu com ele?
Travesti: *papi*, quero mostrar minha bolsa, Louis Vuitton.
(...)
Travesti: queria tá lá junto com ele, pra queimar ele e a mulher dele saber que ele gosta! (de travesti)
(...)
Repórter: e o programa, quanto é?
Travesti: não lhe interessa, você vai fazer programa comigo?
Repórter: negativo.
Travesti: então pronto.

Reportagem Balanço Geral-MG

A reportagem transmitida pelo Balanço Geral também se trata de uma travesti sendo acusada de tentativa de roubo e agressão por um homem. A reportagem se passa em uma delegacia na cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Diferentemente da reportagem anterior, esta conta com uma fala de um policial e, também, com detalhes mais específicos de identidade, mas ainda não expõe o rosto e o nome do acusador.

A travesti, chamada Milena, interage bastante com o repórter, tentando responder todos os questionamentos e se defendendo diante perguntas incisivas. Milena se encontra machucada, por conta das agressões trocadas com o acusador e fala de maneira um pouco confusa.

O repórter segue a mesma postura do anterior, dando preferência à perguntas que remetem a realidade da prostituição. O acusador também não é exposto e não possui fala, entretanto, o policial, identificado como Sargento Sidney, participa apresentando a versão da história em favor do acusador, que ameaçou a travesti de tentar extorqui-lo. A reportagem encerra com uma intervenção do apresentador que ironiza os ferimentos de Milena:

“Não entendi porque que a Milena ficava assim o tempo inteiro... (o apresentador imita os gestos que Milena fez ao longo da reportagem). Sabe porque que a Milena ficou assim o tempo inteiro? Por causa da mordida. Mordida ou chupão *hein?*”

Segue transcrição de alguns diálogos da reportagem:

Repórter: os personagens desta história - um corretor de 29 anos e esta garota de programa, um travesti, chamado Emerson, mas também conhecido por?

Milena: Milena

(...)

Repórter: Você levanta para conversamos direito? Me conta uma coisa, você estava fazendo programa no meio da rua, de repente esse rapaz falou que pra te pagar teria que passar o cartão em um motel, receberia o dinheiro deste motel e te passaria esse dinheiro como forma de pagamento?

Milena: É, aí eu falei com ele, não... Por situação que eu acharia um problema que eu, por ser conhecida nos motéis, sei que lá não teria uma taxa de 200 reais pra mim passar.

Repórter: Você cobrou 200 reais o programa?

Milena: O programa!

Repórter: Tá caro demais não acha não?

Milena: Mas deixa eu te falar, o corpo é meu e eu cobro o valor que é digno pra um homem ter dinheiro e gastar em cheirar cocaína dele... então acho que meu corpo é meu corpo, o valor é meu.

(...)

Repórter: Sem entrar muito no mérito, mas você acha que foi tranquilo durante o programa?

Milena: Foi tranquilo, mas por causa de que sou acostumada de sair com ele.

(...)

Sargento Sidney: Nós fomos chamados até o motel Copacabana onde estaria ocorrendo a briga de um casal. Quando chegamos ao local nos deparamos com aquela situação - o travesti muito nervoso e o corretor de imóveis alegando que teria sido agredido por ele. (...) O que vale lembrar é que tomem cuidado. Que sirva de lição o local que você frequenta, onde você está indo, as pessoas com quem você tem tido contato porque isso pode acabar ruim, acabar com seu casamento, com seu nome, é a situação onde se encontra o corretor.

Repórter: O detalhe é que ele está escondido numa sala aqui na delegacia, morrendo de vergonha né? (...)

Sargento Sidney: (...) trata-se de uma pessoa culta, que possui curso superior, pós-graduação, bem sucedida e ele tá realmente constrangido. O maior medo dele é que ele seja chamado para dar entrevista.

Repórter: Ele chegou a citar se possui algum relacionamento heterossexual? (...)

Sargento Sidney: Não, ele apenas nos disse que estaria com uma prostituta durante a madrugada e, ao voltar para casa, passando em frente ao motel, o travesti teria entrado no carro dele e teria tentado extorqui-lo (...).

O jornalismo, a abjeção e a violência

Analisando as reportagens, confirma-se muito do que foi apresentado em relação aos desafios enfrentados, de maneira geral, pelas travestis. Destaca-se, como um dos principais atos de transfobia e de negação ao direito de reconhecimento das travestis, a quase total ausência do uso adequado do pronome: tanto os agentes das reportagens quanto o acusador e o policial estavam se referindo às travestis usando artigos e pronomes masculinos. Na reportagem veiculada no Balanço Geral-MG, o repórter, inclusive, faz menção ao nome de

origem masculina da Milena. Além disso, em ambas as reportagens, onde a notícia faria menção às acusações de roubo/extorsão, os repórteres buscaram informações relacionadas às atividades de prostituição ao qual as travestis estariam envolvidas, ignorando toda a situação de acusação e direito a defesa por conta de uma associação direta que se faz entre travestis, violência e prostituição (BENEDETTI, 2005).

Por fim, escancara-se ainda mais a posição de uma violência simbólica de abjeção quando é questionada a defesa das travestis ao passo de que os acusadores tiveram seu direito a defesa preservado. Na reportagem sobre o caso da Milena, o acusador, que permaneceu escondido por toda a passagem, teve sua versão defendida pelo Sargento Sidney, enquanto a versão de Milena foi amplamente desvalorizada pelo apresentador durante o encerramento.

Considerações finais

Apesar de toda esfera de abjeção contemplada pelas reportagens, é essencial destacar que, em ambas, as travestis apresentaram uma postura de fuga da abjeção. Além da própria construção de corpo e gênero que, como destaca Benedetti (2005), é o que representa o *corpus* de apresentação das travestis, elas buscam significar um plano que permitisse a fuga da abjeção por meio de paradoxos em relação à submissão das normas e à imagem glamourizada de mulher (MISKOLCI e PELÚCIO, 2007).

Assim como Miskolci e Pelúcio salientam,

ainda que desestabilizem o binarismo de sexo/gênero, as travestis, paradoxalmente, o reforçam em seus discursos e ações. Porém, é somente pelo paradoxo que elas podem expressar seu conflito com as normas de gênero vigentes. O paradoxo é a condição de sua ação (ou agência). (MISKOLCI e PELÚCIO, 2007, p. 263).

É com tal paradoxo, inclusive, que a travesti da reportagem veiculada no Cidade Alerta-RJ alega que gostaria de afrontar o acusador ao sugerir que iria “mostrar pra mulher dele que ele gosta (de travesti)”. Mesmo que tal posição vá contra a constituição feminina da experiência travesti⁵, destacar a posição de fuga à abjeção das travestis é a parte mais

⁵ Um relacionamento entre um homem e uma travesti constitui um relacionamento heterossexual, como apontam reflexões de Bento e Benedetti

importante deste trabalho, pois explicita as relações de resistência às normas e à opressão explicitada nas reportagens discutidas.

Referências

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BORRILLO, Daniel; PRADO, Marco Aurélio Máximo. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CARVALHO, Carlos Alberto de; SEREJO, Leandro Lage e Elias (Org.). Homofobia e vulnerabilidade: testemunhos midiáticos da violência contra travestis e transexuais. In: GONÇALVES, Juliana Soares; TRINDADE, Vanessa Costa; MACHADO, Felipe Viero Kolinski (Org.). **Dar-se a ver**: Textualidades, gêneros e sexualidades em estudos da Comunicação. Belo Horizonte: Selo Ppgcom Ufmg, 2018. Cap. 10. p. 184-198. Disponível em: <<http://seloppgcom.fafich.ufmg.br/index.php/seloppgcom/catalog/view/23/20/46-1>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero**: conceitos e termos. Brasília: Autor, 2012.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 111-125.

BOURDIEU, Pierre; KUHNER, Maria Helena. **A dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CARVALHO, Carlos Alberto de ; BRUCK, Mozahir Salomão. **Jornalismo**: cenários e encenações. 1. ed. São Paulo, 2012.

JAYME, Juliana Gonzaga. **Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais**: identidade, identidade, corpo e gênero. Belo Horizonte, 2004.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. **Fora do sujeito e fora do lugar**: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. Niterói, 2007.

SAMUEL, Kristopher-Jon Peter; COSTA, Alda Cristina Silva. **O popular como construção narrativa nos programas da televisão paraense: uma análise do programa Balanço Geral-PA.** Rio de Janeiro, 2016.

STOFFELS, Leandro. **Universo Trans, Identidade e Representação: O Papel do Jornalismo na Divulgação de Identidades Não-Hegemônicas.** Enecult: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, 2014.

PORTAL R7. **Homem acusa travesti de roubo e arma confusão em delegacia.** Rio de Janeiro, 27 ago. 2012. Disponível em: <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/cidade-alerta-rj/videos/homem-acusa-travesti-de-roubo-e-arma-confusao-em-delegacia-21022018>. Acesso em 24 de julho de 2019.

PORTAL R7. **Travesti e cliente vão parar na delegacia após briga em motel por causa de pagamento.** Portal R7, Belo Horizonte, 06 jan. 2014. Disponível em: <https://noticias.r7.com/minas-gerais/balanco-geral-mg/videos/travesti-e-cliente-vaoparar-na-delegacia-apos-briga-em-motel-por-causa-de-pagamento-17102015>. Acesso em 24 de julho de 2019.